



“Traduzi[ndo] com palavras o olho do furacão”: o fazer literário e o lembrar do passado em *Tropical Sol da Liberdade*

“Translat[ing] with words the eye of the hurricane”: the literary craft and the recollection of the past in *Tropical Sol da Liberdade*

Magali Sperling Beck

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Florianópolis, Santa Catarina / Brasil

magalisperling@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-2593-0031>

Resumo: Em *Tropical Sol da Liberdade* (1988), Ana Maria Machado reconta momentos marcantes e dolorosos do período da Ditadura Militar no Brasil através de Lena e Amália, personagens na periferia dos acontecimentos. Neste artigo, com base nas discussões críticas de Fulford (1999), Seligmann-Silva (2003; 2008), Figueiredo (2017), Edugyan (2021; 2022), entre outros, argumento que o romance de Machado, através da metanarrativa, apresenta reflexões sobre o papel singular da literatura enquanto resistência, mostrando que a arte expressa uma verdade que vai além do fato histórico já que o contextualiza ou complementa. Argumento ainda que, no romance de Machado, lembrar o passado é um ato político, o qual tem especial importância para o tempo presente, também marcado pelo retorno a práticas antidemocráticas e de silenciamento de vozes divergentes.

Palavras-chave: Ana Maria Machado; narrativa de ficção; metanarrativa; ditadura militar; periferia histórica.

Abstract: In *Tropical Sol da Liberdade* (1988), translated as *Freedom Sun in the Tropics* (2021), Ana Maria Machado reconstructs painful and impacting moments during the Military Dictatorship in Brazil. Such reconstruction happens through the point of view of Lena and Amália, characters who are positioned at the periphery of events. In this article, based on critical discussions by Fulford (1999), Seligmann-Silva (2003; 2008), Figueiredo (2017), Edugyan (2021; 2022), among others, I argue that Machado’s novel, through its use of metanarrative, reflects about literature’s singularity as a space for resistance, showing that art expresses a kind of truth that goes beyond historical facts, as it contextualizes and complements them. I also argue that, in Machado’s novel, remembering the past is a political act, which significantly resonates with the present moment, also marked by the return to antidemocratic practices and by the silencing of divergent voices.

Keywords: Ana Maria Machado; fictional narrative; metanarrative; military dictatorship; historical periphery.

Introdução

Em *Tropical Sol da Liberdade* (1988), Ana Maria Machado reconta, através da protagonista Lena e de sua mãe, Amália, alguns dos momentos mais marcantes e dolorosos do período da Ditadura Militar no Brasil. Publicado originalmente durante o processo de redemocratização do país, processo que culminou com a promulgação da nova constituição brasileira em 1988 (PRADO, 2018) e com a eleição presidencial de 1989, o livro é considerado importante romance político da contemporaneidade, além de ser uma das poucas obras sobre a Ditadura Militar escritas por mulheres entre os anos 1980 e 2000 (VECCHI; DI EUGENIO, 2020; FIGUEIREDO, 2017). Ao ser relançado em 2012, *Tropical Sol da Liberdade* compõe, juntamente com outras das obras de Machado, tais como *Canteiros de Saturno* (1991) e *O Mar Nunca Transborda* (1995), um mosaico de representações da história brasileira, fundindo passado e presente em uma abordagem cíclica e memorial. Conforme Roberto Vecchi e Alessia Di Eugenio (2020, p. 3), “[o] que se desenvolve lucidamente, em alguns de seus romances [de Machado], é uma reflexão pelo viés da narrativa sobre as políticas da memória, na paisagem inquieta do Brasil pós-ditatorial”.

Tal entrelaçamento histórico na obra de Machado torna-se ainda mais significativo ao considerarmos que *Tropical Sol da Liberdade* foi recentemente traduzido para o inglês por Renata R. M. Wasserman, reconhecida pesquisadora em estudos comparativos interamericanos. Sob o título *Freedom Sun in the Tropics*, o livro foi publicado em 2021, momento também fortemente marcado por um retorno a movimentos antidemocráticos ao redor do mundo, os quais fomentam a deslegitimação do ativismo social e buscam corromper a integridade dos canais de acesso à informação. Não é à toa que Maria Ressa, jornalista e vencedora do Prêmio Nobel da Paz de 2021, chamou este momento de “outro marco existencial para a democracia” (RESSA, 2021, on-line, minha tradução) devido ao perigo real representado pela desinformação que vem sendo promulgada, principalmente, pelas mídias sociais como também pelos ataques constantes sofridos pelo jornalismo calcado em princípios éticos.¹

¹ Essas citações são parte do discurso proferido por Maria Ressa durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz, em Oslo, em dezembro de 2021. Ressa foi indicada a este prêmio, juntamente com o jornalista russo, Dmitry Muratov. O trecho original da primeira

Para Ressa (2021, on-line, minha tradução), “sem fatos, não podemos ter a verdade. Sem verdade, não podemos ter confiança. Sem confiança, não temos uma realidade compartilhada...”²

É no recontar de fatos forçosamente silenciados ou distorcidos no decorrer da história brasileira que a narrativa de *Tropical Sol da Liberdade* se aproxima do tempo presente de forma precisa (WASSERMAN, 2022, p. 256),³ nos levando a refletir sobre a importância do discurso literário para ampliar nosso acesso a acontecimentos históricos em um contexto de censura, cisão e descrença. Na obra, Lena, também jornalista, larga seu trabalho na redação de um jornal para escrever uma peça de teatro sobre a repressão e o exílio durante o período da Ditadura Militar. Para Lena, a ficção lhe permitiria

traduzir com palavras o olho do furacão íntimo de quem escreve [...]. Como se fosse uma doença, um jeito obsessivo de ficar revirando as palavras sob todas as luzes, em todas as transparências e sombras, sob todas as lentes e espelhos, deformando, invertendo, faiscando, reverberando... Uma coisa que brotasse de forma incontível. Insopitável. Como a fome, a sede ou o tesão. Como um bicho correndo desabalado pelo mato. (MACHADO, 2012, p. 36).

Ao alimentar a palavra carregada de sentidos “incontíveis”, Ana Maria Machado, através da personagem Lena, mostra a força da ficção, do ato de contar histórias, como forma de combater o esquecimento e de iluminar experiências vividas durante o período da Ditadura Militar.

Neste contexto, vale trazer aqui a discussão apresentada pelo também jornalista Robert Fulford em *The Triumph of Narrative* (1999), obra na qual o autor investiga a força duradoura do ato de contar histórias (*storytelling*), o qual vem acompanhando a humanidade ao longo dos séculos. Para o autor, a narrativa é a forma “mais confortável, mais versátil – e talvez a mais perigosa” de nos comunicarmos uns com os outros (FULFORD, p. x,

citação lê: “By giving this to journalists today, the Nobel committee is signalling a similar historical moment, another existential point for democracy...” (RESSA, 2021).

² Trecho original: “Without facts, you can’t have truth. Without truth, you can’t have trust. Without trust, we have no shared reality...” (RESSA, 2021).

³ Em entrevista publicada no periódico *Ilha do Desterro*, ao comentar sobre a relação de *Tropical Sol da Liberdade* com o tempo presente, Renata Wasserman diz: “I wish it were not quite so accurate” (WASSERMAN, 2022, p. 256).

1999, minha tradução)⁴, pois é permeada pelo impulso humano de selecionar e ordenar fatos a fim de dar sentido à experiência vivida. Conforme o autor, é através da narrativa que explicamos, ensinamos e nos entretemos (FULFORD, 1999, p. 9),⁵ e é ainda através dela que descobrimos quem somos e como nos relacionamos com nosso passado. Apesar de muitas vezes esquecermos que narrativas dependem da forma como diferentes acontecimentos são apresentados e organizados por seus narradores, para Fulford (1999, p. 38, minha tradução), “[a]o imitar nossa experiência de vida, a narrativa nos ajuda a absorver acontecimentos passados tanto no plano emocional quanto intelectual”.⁶ É nesta junção entre fato e sentimento, entre acontecimento e experiência vivida, que se encontra, para Fulford, o valor, ou o triunfo, da narrativa.

Neste artigo, argumento que, ao narrar as trajetórias de Lena e Amália em *Tropical Sol da Liberdade*, Ana Maria Machado vai ao encontro da discussão apresentada por Fulford, pois aponta para o papel fundamental da narrativa, nesse caso da narrativa literária, para ampliar os sentidos de acontecimentos históricos que marcaram profundamente a vida de tantos brasileiros.⁷ Para tanto, Machado usa a metanarrativa, apresentando as reflexões de Lena sobre o fazer literário e sobre seu esforço em resgatar as palavras, em recuperar o fio da escrita para “contar o que [...] viu e viveu” (MACHADO, 2012, p. 34). Conforme apontam Vargas e Umbach (2012, p. 21), a obra de Machado “privilegia [...] o tão laborioso ato de escrever”, problematizando “as motivações, os mitos, as técnicas que envolvem o fazer

⁴ Trecho original: “*Of all the ways we communicate with one another, the story has established itself as the most comfortable, the most versatile – and perhaps also the most dangerous*” (FULFORD, 1999, p. x).

⁵ Minha paráfrase do original: “*Stories are how we explain, how we teach, how we entertain ourselves...*” (FULFORD, 1999, p. 9).

⁶ Trecho original: “*By imitating our own life experience, narrative gives us a way to absorb past events on an emotional as well as an intellectual level*” (FULFORD, 1999, p. 38).

⁷ Apesar do caráter autobiográfico de *Tropical Sol da Liberdade*, a relação entre a trajetória pessoal de Machado e a narrativa desse romance não será discutida neste artigo. Para uma análise crítica detalhada sobre esta relação ver: FREITAS, J.P. *A narrativa da memória sobre a ditadura civil-militar no Brasil em Tropical Sol da Liberdade, de Ana Maria Machado*. 2021. Dissertação. (Mestrado em Letras: Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, 2021.

literário”. Assim, *Tropical Sol da Liberdade* torna-se, também, um espaço de questionamento sobre o papel da/o escritora/o na reconstrução do passado.

Segundo Vecchi e Di Eugenio (2020, p. 5), em *Tropical Sol da Liberdade*, “a ficção histórica é necessária para conduzir o trabalho da memória, mas, ao mesmo tempo, [...] esta ficção sempre deve ser metafictionalizada, encontrando seu apego na escrita sobre a escrita...”. Apesar de Vecchi e Di Eugenio apontarem para a importância da metaficção para a reconstrução crítica da história, pode-se também dizer que “a escrita sobre a escrita,” nesta obra de Machado, vem reforçar o papel singular da literatura enquanto resistência, mostrando que a arte expressa uma verdade que vai além do mero fato histórico já que o contextualiza, o desafia, o contradiz ou o complementa. Conforme sugere a escritora canadense Esi Edugyan (2022), a verdade no ato de contar histórias (*storytelling*) se dá na relação entre a autenticidade da vida inventada e os fatos históricos ao seu redor, ou em como a existência de uma personagem fictícia afeta nossas narrativas históricas não ficcionais.⁸ Nesse sentido, a trajetória de Lena, ao ser lembrada e narrada em *Tropical Sol da Liberdade*, resiste ao apagamento pois autêntica e ressignifica experiências vividas que foram deixadas de fora do discurso histórico ou de outras narrativas oficiais.

“[E]ra indispensável recordar”: A escrita sobre a escrita e o lembrar do passado

A narrativa de *Tropical Sol da Liberdade* se inicia com o retorno de Lena à casa materna, lugar caracterizado pelas muitas memórias de sua infância e adolescência como também pela solidez do pertencimento. Mais do que um ponto de referência familiar, a casa é, para Lena, “[a] colhedora como uma galinha abrindo as asas para abrigar os pintinhos na hora da chuva” (MACHADO, 2012, p.11). É neste refúgio que Lena, com

⁸ Minha paráfrase de um dos trechos da entrevista concedida por Esi Edugyan à Nahlah Ayed, para o programa de rádio *Ideas*, transmitido pela *CBC Radio (Canadian Broadcast Corporation)* em 03 de janeiro de 2022. Nesta entrevista, Esi Edugyan diz: “*I’m a fictional writer, and we speak about the truth of fiction – the story must feel true and that there’s a truth to that character’s existence in terms of how that affects our historical non-fictional narratives [...]. But I think that the truth of a fictional narrative is to be found in the authenticity of the way that life has been presented...*”. Referência completa ao final do texto.

o pé quebrado, sofrendo de vertigens que a fazem cair com frequência, se abriga para reestruturar a vida, já que se vê como uma “mulher machucada que precisava se fechar numa toca e ficar passando a língua nas feridas até cicatrizarem” (MACHADO, 2012, p.12). Tais feridas afetam não somente seu bem estar físico, mas também sua capacidade intelectual. Jornalista por profissão e aspirante a escritora, Lena vive das palavras, as quais teimam em sair trocadas, embaralhadas, e a impedem de dar seguimento ao seu projeto de escrever sobre as experiências traumáticas e dolorosas vividas durante o período da Ditadura Militar no Brasil.

Se, conforme Robert Fulford (1999, p. 9, minha tradução), histórias “são a junção onde fatos e sentimentos se encontram”,⁹ o dilema de Lena de não conseguir narrar ou se comunicar com clareza através da palavra escrita se torna simbólico de um processo de significação interrompido – a história de Lena é uma história sendo impedida de ser contada. Ao retornar à casa da mãe, Lena busca a cura pois entende a importância do ato de “remendar” o fio narrativo das histórias vividas por ela, por seus familiares e por tantas outras pessoas cujas vidas foram afetadas pela história do país. Ao refletir sobre suas escolhas, Lena confessa: “Sabia que, no fundo, tinha vindo até aqui [casa da mãe] em busca de uma certa calma que lhe permitisse encarar de frente a situação. Como se precisasse se reabastecer no passado para poder olhar o futuro” (MACHADO, 2012, p. 44). Para Lena, a casa da mãe lhe permitiria “resgatar no passado algum ponto de apoio que lhe desse firmeza” (MACHADO, 2012, p. 45), possibilitando, assim, o reencontro com a narrativa.

No entanto, ao refletir sobre o ato de narrar, Lena percebe que “o que a interessava não era exatamente dar o testemunho [...]” (MACHADO, 2012, p. 43) de uma época, talvez por entender que o testemunho carregaria consigo um teor documental e de reportagem (MACHADO, 2012, p. 33). Segundo Seligmann-Silva (2003, p. 8), “[n]a literatura de testemunho latino-americana, tal como ela era pensada até os anos 1980”, compreendia-se o conceito de testemunho sobretudo “no sentido jurídico e de testemunho histórico”, sem se “problematiza[r] a possibilidade e os limites da representação”. Inserida em tal cenário social, político, e também literário, Lena parece compreender que o que lhe interessava era a ficção, a

⁹ Trecho original: “*They [stories] are the juncture where facts and feelings meet*” (FULFORD, 1999, p. 9).

qual, em oposição ao testemunho ou depoimento, lhe permitiria ir além da representação factual para contar o vivido sem que esse fosse imediatamente cooptado por atos de censura e perseguição.

Assim, a narrativa de Lena (e, por conseguinte, a de Machado) se caracteriza pelo que Seligmann-Silva (2003, p. 8) chama de “teor testemunhal”, o qual entende o conceito de testemunho “também no sentido de ‘sobreviver’, de ter-se passado por um evento-limite, radical, passagem essa que foi também um ‘atravessar’ a ‘morte’, que problematiza a relação entre a linguagem e o ‘real’”. Para Seligmann-Silva, este teor testemunhal em narrativas de ficção que abordam eventos traumáticos (conceito derivado, segundo o autor, dos estudos sobre a literatura da *Shoah*) apresenta um “real que não se deixa reduzir” e que “não se satisfaz nem com o positivismo inocente que acredita na possibilidade de se ‘dar conta’ do passado, nem com o relativismo inconsequente que quer ‘resolver’ a questão da representação eliminando o ‘real’ (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 10).

É justamente neste cruzamento entre o vivido e o narrado, ou no que Seligmann-Silva (2003, p. 10) chama de “impossível ‘terceira casa’”, que se encontra a narrativa de *Tropical Sol da Liberdade*. Ao expor as dificuldades de Lena em contar sua história, como também seus questionamentos sobre o ato de escrever, Ana Maria Machado cria “uma coisa mais fértil [...] um testemunho em outra esfera” (MACHADO, 2012, p. 33), o qual, ecoando Alfredo Bosi (2005)¹⁰, leva em conta não só o apelo representativo, mas engloba também preocupações estéticas. Como nos diz Lena ao refletir sobre a “crescente necessidade de retraçar [sua] trajetória” (MACHADO, 2012, p. 43), ela

queria esculpir e cinzelar a pedra bruta da linguagem de todo dia, comum, compartilhada com o viver de seus semelhantes, para

¹⁰ Em “Caminhos entre a literatura e a história” (2005), Alfredo Bosi recupera sua trajetória acadêmica apresentando pontos norteadores de seu trabalho crítico. Um dos problemas fundamentais explorados por Bosi é a relação entre a poesia e a história, o qual o levou à reflexão sobre critérios estéticos e representativos (ideológicos) utilizados para apreciação de textos literários. Para Bosi, “as melhores obras de todas as literaturas valem sempre pelos dois critérios, o representativo e o estético” (BOSI, 2005, p. 322). Não é minha intenção aqui discutir a abordagem teórica de Bosi, mas vale notar que as reflexões de Lena dialogam com os questionamentos de Bosi a respeito das relações estéticas e sociais de obras literárias.

construir uma morada que ajudasse a proteger a todos do vento frio e da neblina do inverno... [...] Sobretudo para si mesma, morada que fosse um território seu, sem invasões, sem promiscuidade, sem editor cortando frase ou acrescentando entretítulos gaiatos como no jornal (MACHADO, 2012, p. 44).

Para Lena, o fazer literário apresenta-se como libertador, já que não se limita ao relato dito factual (o qual não leva em conta a subjetividade da narradora) nem está preso ao crivo editorial da censura (o qual interfere diretamente com o ato de narrar). Ao resistir à castração, Lena vê a narrativa literária como morada segura da memória, já que não só denuncia ou serve como prova, mas também protege e humaniza, justamente por seu apelo estético.

Além disso, em suas reflexões sobre o fazer literário, Lena enfrenta o que Seligmann-Silva (2008, pp. 69-70) chama de “dilema da testemunha”, qual seja, a necessidade de se narrar, ou testemunhar, a realidade de uma situação traumática em face de seu elemento inverossímil, tão além daquilo que supostamente consideramos como real, normal, cotidiano.¹¹ Ao se lembrar de Barros, um dos chefes do jornal onde trabalhava, o qual agora vestia “a camisa do patrão” (MACHADO, 2012, p. 39) mas que ainda era visto como “misto de profissional dos velhos tempos” (MACHADO, 2012, p. 39), Lena pondera que “Barros era um símbolo. Comprovava que seria impossível escrever sobre pessoas reais como elas são, mostrar num palco os fatos como eles realmente aconteceram. Ninguém ia acreditar. Ficção precisa ter uma verossimilhança que raramente a verdade tem” (MACHADO, 2012, p. 43). Tais questionamentos de Lena problematizam a relação entre fato e ficção e mobilizam o leitor a ressignificar o passado através do entendimento do próprio processo narrativo, o qual, conforme Fulford, nos ajuda a compreender experiências passadas tendo em vista “o quão pouco controlamos o curso de nossas vidas” (FULFORD, 1999, p. 15).¹²

¹¹ No artigo “Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas”, Seligmann-Silva discute o gesto testemunhal de narrativas de trauma, em especial o trauma do Holocausto, e seu aparente paradoxo, qual seja, a impossibilidade de se narrar o inenarrável devido ao grau de violência sofrido pelos sobreviventes. Tais considerações de Seligmann-Silva sobre o dilema da testemunha servem como chave de leitura para a situação de Lena enquanto testemunha de um período de exceção.

¹² Trecho original: “*it emphasizes how little we control the course of our lives*” (FULFORD, 1999, p. 15).

Essa ênfase em refletir sobre o processo narrativo caracteriza o forte componente metaficcional do romance. Conforme explica, de forma muito clara, Patricia Waugh (2003, p. 2, minha tradução),

[...] metaficção é um termo dado à escrita ficcional que chama atenção, de forma consciente e sistemática, para seu status como artefato a fim de questionar a relação entre ficção e realidade. Ao criticar seus próprios métodos de construção, essa escrita não só examina as estruturas fundamentais da narrativa de ficção, mas também explora a possível ficcionalidade do mundo fora do texto literário ficcional.¹³

Neste contexto, ao narrar a trajetória de uma personagem que “precisava ir mais fundo em algumas reflexões sobre seu ofício [de escrever]” (MACHADO, 2012, p. 171), Machado também chama atenção para o processo de criação da própria obra enquanto artefato criativo, problematizando, assim, sua relação com a realidade referencial. Como vimos na discussão apresentada por Seligmann-Silva (2003), o “real”, em narrativas de teor testemunhal, como *Tropical Sol da Liberdade*, é um real que vai além do fato, ou do entendimento do que “realmente aconteceu”, já que abarca fato e sentimento além de recuperar o que Lena chama de “presença intensa” (MACHADO, 2012, p. 170) do artista, ou da escritora, na reconstrução do passado.

São muitos os trechos do romance que apresentam as ponderações de Lena sobre o ato de escrever, sendo que grande parte destas reflexões advém da percepção de que a escrita, por depender do uso das palavras, as quais “envolvem conceitos que todo mundo usa todo dia” (MACHADO, 2012, p. 170), acaba por ter uma ligação muito forte com a referencialidade da língua. No entanto, como nos diz Lena,

[q]quanto mais se propunha a mexer com as palavras em um contexto não jornalístico, mais se afliesa com esse problema. A linguagem

¹³ Trecho original: “*metafiction is a term given to fictional writing which self-consciously and systematically draws attention to its status as an artefact in order to pose questions about the relationship between fiction and reality. In providing a critique of their own methods of construction, such writings not only examine the fundamental structures of narrative fiction, they also explore the possible fictionality of the world outside the literary fictional text*” (WAUGH, 2003, p. 2).

deixava de servir apenas para se comunicar, informar, dar notícias de maneira impessoal. E passava a expressar, manifestar mundos que pressionam de dentro para fora, enquanto se narra um fato ou conta uma história (MACHADO, 2012, pp. 170-171).

Lena percebe que o uso da palavra, no fazer literário, vai além de seu “emprego utilitário” (p. 170), mas nem por isso esse uso estaria afastado daquilo que entendemos por “verdade”. Para Lena, optar pela narrativa de ficção seria como tecer uma trama com “uma coerência interna e natural que nascesse das próprias regras que o trabalho ditasse, uma harmonia, uma coesão, enfim, uma beleza, que não deixasse nada de fora. E fosse também aberta para o outro, convite a compartilhar uma experiência...” (MACHADO, 2012, p. 172). Tal compartilhar de experiências, em *Tropical Sol da Liberdade*, se dá através do resgate das memórias de Lena e de sua mãe, Amália, sobre o período da Ditadura Militar e, conforme Freitas (2021, p. 14), “a ação de rememorar é operada por Ana Maria Machado como recurso narrativo”. São as lembranças dessas personagens que compõem a tessitura do romance e que servem de base para o ato de contar histórias, o qual, por conseguinte, leva o leitor a ressignificar sua relação com o passado histórico.

Apesar de já ter escrito partes de uma peça de teatro baseada em sua experiência de exílio durante a ditadura, Lena retorna à casa da mãe para tentar se recuperar de uma enfermidade que não a deixa mais escrever. Como ela afirma, “[a]inda não estava na hora de voltar a experimentar [com as palavras]. Tanto era assim, que tinha vindo para a casa da mãe sem trazer a máquina de escrever. Mas trazia as visões, o delírio, a memória” (MACHADO, 2012, p. 136). Sem conseguir escrever, Lena consegue lembrar, e sua volta ao passado se dá no reencontro com fragmentos previamente escritos de sua peça de teatro, com cartas e fotografias antigas, com depoimentos e recortes de jornal, e através de conversas com a mãe sobre momentos vividos durante a repressão e o endurecimento do regime militar a partir do ano de 1968. Talvez por entender que, “entre memória e esquecimento, o que sobra são os vestígios, os fragmentos do vivido, o qual jamais pode ser recuperado na sua integralidade” (BERND, 2012, p. 12), Lena busca primeiro se alimentar dos documentos que ficaram guardados em pastas ou gavetas na casa da mãe como também daquilo que ficou “dentro de si mesma” (MACHADO, 2012, p. 136), para então recriar sua narrativa do

passado, dando um “salto de dentro para fora, de si mesma para os outros, numa comunhão de fantasmas” (MACHADO, 2012, p. 137).

Assim, acontecimentos que marcaram a resistência e a repressão durante o período de Ditadura Militar, como a Passeata do Cem Mil, a prisão de líderes estudantis, a instauração do AI-5, o fechamento do Congresso, o sequestro do embaixador americano, entre outros, são recontados, ora pela voz de Lena, ora pela de Amália, a partir da relação das personagens com tais acontecimentos. Como nos diz Amália, “[n]ão dava para esquecer nem confundir datas. Mais que qualquer outro, esse tempo passou deixando marcas na carne viva de cada mãe. [...] Amália tinha todo esse calendário gravado, bem nítido na memória” (MACHADO, 2012, p. 74). Assim como a mãe, Lena reconhece que a experiência de perseguições políticas sofridas por ela e pelos irmãos, a cassação de suas liberdades, a temporada no exílio, como também a constante ameaça de prisão e tortura deixaram feridas que ainda machucavam. Em um dos trechos do romance, ao reler cartas de seus irmãos que retratavam as dificuldades de sua vida no exílio, Lena é tomada pela dor da lembrança:

Tudo isso doía. Fisicamente, mesmo. Um peso no peito, um aperto que sufocava. Sentiu as asas do nariz arderem um pouco, das lágrimas que se formavam e ela não queria chorar. Engoliu saliva com dificuldade, parecia que o que tinha que descer não ia passar pela garganta. E o peito continuava apertando, fechando, como se fosse esmagá-la. (MACHADO, 2012, p. 224).

No entanto, apesar da dor, é nesse relembrar que mãe e filha dão sentido às suas experiências ao mesmo tempo em que revelam, uma para a outra, o quanto suas vidas foram impactadas pela história do país.

Na introdução de uma série de palestras sobre o fazer literário, Esi Edugyan discute o fato paradoxal de que narrativas históricas tanto iluminam quanto encobrem o passado já que recuperam acontecimentos significativos, mas também deixam lacunas, sombras, pois impedem que algumas figuras históricas não sejam propriamente “vistas” pela coletividade. Segundo Edugyan, “[u]m mundo de sombras margeia nossas histórias escritas, e tentar vê-lo não significa recuperarmos apenas uma história humana, mas juntar os pedaços que compõem a imagem maior que ficou escondida

de nós” (EDUGYAN, 2021, pp.1-2, minha tradução)¹⁴. Ao refletir sobre a importância de se reconhecer o processo de silenciamento de vozes periféricas ao longo da história, Edugyan faz um paralelo entre a escrita da história e o uso da linguagem. Para ela, da mesma forma que nossas palavras carregam significados convencionados, os quais têm por base uma ideia compartilhada de realidade, a história também funciona sob o princípio de uma realidade convencionada, estabelecida. No entanto, Edugyan nos lembra que, “a linguagem pode ser modificada ao revogarmos nosso consentimento – ao recusarmos, por exemplo, concordar com o significado de uma palavra, ou quando a rejeitamos, ou mudamos completamente suas evocações, até que ela se transforme em outra coisa, em algo novo” (EDUGYAN, 2021, p. 2, minha tradução).¹⁵ Por extensão, “assim como a linguagem pode ser modificada, para melhor ou para pior, ao revogarmos nosso consentimento, nossas histórias coletivas também podem” (EDUGYAN, 2021, pp. 2-3, minha tradução).¹⁶

Nesse contexto, *Tropical Sol da Liberdade* desafia e transforma tanto a história coletiva a respeito da Ditadura Militar como também nosso entendimento sobre o período pós-ditadura, pois busca iluminar o que ficou escondido nas margens sombrias da história, ampliando nossa perspectiva de um momento tão marcado pelo silenciamento e pela censura. Conforme aponta Figueiredo, apesar do importante trabalho de resgate dos arquivos da ditadura realizado pelo grupo “Brasil: Nunca Mais” (trabalho de iniciativa da sociedade civil), e das ações governamentais da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos e da Comissão Nacional da Verdade, os quais

¹⁴ Trecho original: “*A world of shadows edges our written histories, and to attempt to see it is not just to recover one human story, but to piece together the larger picture hidden from us*” (EDUGYAN, 2021, pp. 1-2).

¹⁵ Trecho original: “*language can be changed by revoking one’s consent — by refusing, for example, to agree on the meaning of a word, or by disavowing it, or by changing its evocations entirely, until it becomes something else, something new*” (EDUGYAN, 2021, p. 2).

¹⁶ Trecho original: “*just as language can be changed, for better or for worse, by revoking one’s consent, so can our collective stories*” (EDUGYAN, 2021, pp. 2-3). Vale notar que o contexto da argumentação de Edugyan está relacionado às experiências vividas por descendentes da diáspora africana. No entanto, o olhar lançado por Edugyan ao que chama de “mundo de sombras nas margens da história” é pertinente para a análise apresentada neste artigo.

“foram fundamentais tanto para a apuração das graves violações aos direitos humanos quanto para o arquivamento dos documentos que comprovavam as acusações” (FIGUEIREDO, 2017, p. 15), ainda é possível encontrar um mundo de sombras margeando tais recuperações históricas.

Além disso, na esteira da discussão apresentada por Edugyan, Ana Maria Machado privilegia, em *Tropical Sol da Liberdade*, o que poderia ser chamado de um ponto de vista marginal ou periférico já que sua narrativa se dá pela perspectiva de Lena e de Amália, personagens que sentem os efeitos do regime político e dos acontecimentos históricos, mas que não estão diretamente envolvidas nos processos decisórios que levam a tais acontecimentos. É interessante perceber que a própria Lena reflete sobre a posição que ocupa no desenrolar de eventos que marcaram a Ditadura Militar no Brasil. Ao conversar com Honório, um dos amigos que estavam no centro da resistência e do movimento estudantil, Lena reflete sobre a possibilidade de contar sua própria história a partir do que chama de “periferia” (MACHADO, 2012, p. 34).

Para Lena, essa posição não seria uma “periferia geográfica” ou a “periferia das cidades”, mas sim uma “periferia histórica” (MACHADO, 2012, p. 34). De acordo com Lena, esse conceito de periferia estava ligado à

virada dos anos sessenta para os setenta... Para mim, o tempo da minha periferia, em que eu estava sempre gravitando em torno. Eu tinha a impressão de que estava na periferia de tudo o que acontecia de mais arriscado. Eu corria os mesmos perigos de quem estava no centro. Talvez até mais. Porque eu não tinha nenhum esquema de proteção. [...] Tudo era perigoso, sempre. (MACHADO, 2012, p. 34)

A citação acima revela que atos de resistência à repressão da Ditadura Militar como também decisões governamentais que poderiam parecer distantes do cotidiano de muitos brasileiros afetavam e influenciavam diretamente a vida daqueles que geralmente não eram vistos como militantes ou que não desempenhavam papéis centrais nas lutas políticas da época. Para Wasserman (2022, p. 255), essa é uma das características singulares da narrativa de Machado. Apesar de Lena ter (assim como Machado teve) um irmão na linha de frente da resistência, participando, inclusive, do sequestro do embaixador americano, segundo Wasserman (2022, p. 255), a narrativa de *Tropical Sol da Liberdade* torna-se significativa por retratar a

experiência daqueles que, como Lena e Amália, têm a vida atropelada por acontecimentos que estão muito além de seu controle.¹⁷

Para Amália, a experiência de viver sob o regime militar estava intrinsecamente ligada à sua vivência da maternidade. Ao lembrar, juntamente com Lena, das passeatas e das reuniões estudantis das quais seus filhos participaram, Amália deixa transparecer a impossibilidade de se “abster” da história, pois os eventos do período marcavam sua relação com os filhos. Se, em alguns momentos, Amália “não [fazia] outra coisa [...], a não ser esperar. Esperar que [os filhos] chegassem, que dessem notícias, que o telefone tocasse, que saísse alguma coisa no noticiário da televisão...” (MACHADO, 2012, p. 75), em outros, ela buscava estar presente na luta dos e pelos filhos, como, por exemplo, quando participa da Passeata dos Cem Mil ou quando arrecada dinheiro para a militância, juntamente com suas amigas, através da venda de artesanato.

Além disso, Amália, assim como muitas outras mães, também sofreu as consequências da repressão, sendo ameaçada ou tendo sua casa revirada pela polícia. Juntas, Lena e Amália lembram da violência sofrida em seu ambiente doméstico. Como reconta Lena,

Quando a polícia veio [...] procurar Marcelo [...], não respeitou nem o repolho na geladeira, seguidamente espetado por baionetas, como se pudesse esconder uma arma dentro. E não sobrou uma almofada ou estofado de sofá ou poltrona sem ser rasgado e dilacerado. Em outras casas foi pior. As telas nas paredes de muita gente tinham sido rasgadas, os objetos de arte foram roubados, bem como qualquer eletrodoméstico que tivesse valor. As buscas viraram pilhagem, simplesmente. E quando as pessoas não eram atingidas, as mães davam graças a Deus. É só pensar na romaria das que foram apanhadas no olho do furacão, indo do Exército à polícia atrás de notícias de filhos e maridos, tantas vezes sem conseguir nada (MACHADO, 2012, p.103).

¹⁷ Paráfrase do original: “*And the idea of having the story being told from the margin, as she puts it, lived by somebody who was not directly involved in it, although afterwards I found out that her brother [Machado’s brother] was directly involved in it. He actually was one of the people who abducted the American ambassador. But the idea of not being directly involved and not being a hero or anything like that but just having it come down on you, I thought that was interesting as a viewpoint*” (WASSERMAN, 2022, p. 255).

Na experiência de vida de Amália e de sua família, as fronteiras entre o pessoal e o político se misturam, já que suas vidas privadas são invadidas pela força dos acontecimentos. Neste contexto, pode-se dizer que a narrativa de *Tropical Sol da Liberdade*, ao expor as lembranças de Amália e de Lena, não somente evoca a história, como se essa fosse um pano de fundo para a vida dessas personagens, mas também mostra de que forma a história passa a ser vivida na pele, estando inextricavelmente conectada ao ser de cada personagem.¹⁸

Tal constatação é trabalhada no próprio romance através das reflexões de Amália sobre as memórias que vêm à tona no reencontro com Lena. Recordando os momentos de maior angústia vividos durante a Ditadura Militar, quando os filhos ou o marido estavam presos, Amália “pensava em tudo o que tinha vivido e se espantava em ver como os seus dias pessoais e familiares estavam tão entrelaçados com o tempo nacional” (MACHADO, 2012, pp. 147-148). Para Amália, a materialidade dos acontecimentos históricos ainda reverberava no próprio corpo e continuava a moldar sua experiência como mãe, mulher, cidadã. Como ela nos diz:

Não conseguia deixar de sentir que havia uma espécie de maldição que condenava sua vida a se entrelaçar de tal maneira com os acontecimentos políticos de sua época que não podia pensar neles como algo exterior a ela. Tudo vinha de dentro. Como os filhos do seu útero. Maldição ou benção, sabe-se lá o quê. Mais mátria do que a pátria, afinal, tudo parindo e sendo parido das mesmas entranhas. Como se o Brasil fosse ao mesmo tempo filho e mãe dela, mulher brotada das pernas abertas da História, e por sua vez concebendo o futuro do país dentro do ventre. Sequência fêmea e fértil, de dor, sangue e leite (MACHADO, 2012, p. 148).

¹⁸ Freitas (2021) também sugere que o material histórico é mais do que um pano de fundo neste romance. Para Freitas (2021, p. 105-106), “a reelaboração estética desse material se configura como um dos pilares inventivos” de *Tropical Sol da Liberdade* a fim de “reinventar o passado [...] não como exatamente ele foi [...], mas como possibilidade investigativa de (re)ler pelos olhos da ficção o horror sem limite que foi a ditadura brasileira” (p. 106). A análise que proponho aqui leva em conta tal argumento e também acrescenta um percurso crítico diferente, já que enfatiza a forma como a história interpela as personagens na narrativa de Machado.

Tal entrelaçamento entre o pessoal e o político, entre fato histórico e sentimento, é recuperado com acuidade por Machado, e é através da narrativa literária que a escritora explora a fundo a relação íntima de Lena e Amália com os acontecimentos de sua época. Conforme Figueiredo (2017, p. 43), “só a literatura é capaz de recriar o ambiente de terror vivido por personagens afetados diretamente pela arbitrariedade, pela tortura, pela humilhação”.

De forma similar, Lena também percebe que sua vida fora invadida ou tomada pelos “dias de horror em que se transformaria a parte da história do Brasil que lhe tocou viver” (MACHADO, 2012, p. 93). Sua experiência profissional como jornalista, por exemplo, havia sido diretamente afetada pela censura do regime militar e pelos interesses particulares de chefes que preferiam não se comprometer. Conforme nos conta Lena, “[t]inha sido muito difícil conviver durante tantos anos com as notas de proibição da censura policial que vinham, quase todo dia, cortar a palavra e o sentido da própria razão de ser do jornalista” (MACHADO, 2012, p. 159). Proibições, punições e retaliações eram algumas das consequências de um regime político interessado em contar somente a versão dos fatos que lhe interessavam.

No entanto, a castração das palavras não era ainda tão violenta quanto a castração do próprio corpo, que já não podia mais andar livremente pelas ruas do país. Lena lembra, por exemplo, da prisão de seu irmão Marcelo e de outros líderes estudantis que se opunham ao regime ditatorial. Lembra também de como seu irmão precisou escolher a clandestinidade para continuar resistindo à repressão após a promulgação do AI-5. Como sua vida e a de outros brasileiros foram afetadas pelo medo, pela insegurança e pelas tentativas de resistir mesmo que não estivessem diretamente ligados a grupos organizados da militância política. Em conversa com um amigo brasileiro, o qual havia recém-chegado da França, Lena diz:

Jorge, os tempos estão muito diferentes... Para o próprio bem e segurança de cada um de nós, é melhor não ouvir conversas, não ver pessoas, não saber quem estava onde. Assim o risco fica menor para todo mundo. [...] Tem gente que vive escondida, com nome falso [...] E tem gente como nós, que tem uma vida legal, um emprego certo, endereço conhecido, mas a gente está sempre navegando em águas cheias desses *icebergs* da clandestinidade. Tem que ter cuidado para não esbarrar, que é pra não afundar todo mundo (MACHADO, 2012, p. 264-265).

É justamente para não esbarrar em um destes *icebergs* que Lena deixa o Brasil e se exila na França com o marido a fim de proteger não só seu irmão Marcelo, participante do sequestro do embaixador americano, “[m]as muita coisa mais” (MACHADO, 2012, p. 314).

A imagem do *iceberg*, usada por Lena para representar a experiência da clandestinidade, torna-se bastante pertinente no contexto da narrativa de *Tropical Sol da Liberdade* como um todo já que também aponta para o que fica escondido, submerso, na escrita oficial da história. Ao acessarmos a vida íntima de Lena e de Amália, percebemos a importância de resgatarmos as consequências diretas e indiretas de acontecimentos passados. Apesar de tais vidas serem criadas literariamente, como nos lembra Edugyan (2022), é através da ficção que temos a possibilidade de seguir de perto a trajetória de uma personagem, experimentando por completo sua vivência, sua realidade, o que nos ajuda a ampliar nossa visão de mundo,¹⁹ ou, como sugere Figueiredo (2017, p. 45), a irmos ao encontro do Outro, “aquele que não podemos conhecer se não sairmos de dentro de nós mesmos”. Além disso, ainda conforme Figueiredo (2017, p. 45), “[s]ó através da literatura podemos vislumbrar o Outro que nos habita, porque a identidade só se perfaz no encontro com a alteridade, inclusive a nossa própria identidade”. Em *Tropical Sol da Liberdade*, Machado nos leva a partilhar a trajetória de Lena e de Amália através das memórias dessas personagens para, assim, acessarmos um entendimento do passado que se constrói a partir da experiência do Outro, experiência essa que, muitas vezes, ficou à margem do discurso histórico sobre o período.

¹⁹ Minha paráfrase de um dos trechos da entrevista concedida por Esi Edugyan à Nahlah Ayed, para o programa de rádio *Ideas*, transmitido pela *CBC Radio (Canadian Broadcast Corporation)* em 03 de janeiro de 2022. Nesta entrevista, Esi Edugyan diz: “fiction is the art of establishing a whole human identity, a whole human experience, a whole human history, using a person who doesn’t exist but really showing every aspect of that person so that when you’re reading, you get a sense of following a life very closely – having a full sense of their lived reality, and I think that’s so important especially today... [...] One of the amazing things that fiction can do is that, in some ways, it creates a kind of safe context in which to engage with someone who is totally unlike yourself and understand how it is they got into a place where they’re currently existing in”. Ver referência completa ao final do texto.

Considerações Finais

Em um dos trechos do romance, após abrir uma das pastas de Lena e ler fragmentos da peça de teatro que a filha tinha começado a escrever, Amália desabafa: “Mas que ideia de Helena Maria [Lena], ficar escrevendo e lendo essas coisas agora... Por isso é que ficava chorando à toa. Amália tinha vontade de esconder esses papéis, sumir com aquelas pastas todas, para o bem da filha” (MACHADO, 2012, p. 241). Querendo proteger a filha, Amália pensa, em um primeiro momento, que a solução seria fazer Lena parar de lembrar para evitar a dor. No entanto, Amália logo se dá conta que “às vezes a gente precisa mexer nessas coisas doidas e fazer estourar mesmo, não adianta passar o tempo todo fingindo que não dói ou que não há nada. Tem que deixar vir à tona, como um abscesso inflamado...” (MACHADO, 2012, p. 241). É no processo de lembrar que Lena busca a cura, ato que acaba levando Amália a refletir sobre a importância da memória para a ressignificação de sua própria história. Como sugere Amália:

Quem sabe se a sua Helena Maria não estava mesmo precisando de ir drenando toda essa infecção, devagarzinho, para não ter que ir a uma cirurgia mais drástica? Vai ver, era por isso que ela estava assim esses dias, a toda hora conversando das coisas do passado, daquilo de que há tanto tempo ela não falava... E ela mesma, Amália, se dava conta agora de que tinha vontade de lembrar mais, de deixar a memória minar as recordações, feito a água que brotava devagarzinho na fonte [...] juntando água sem parar, [...] refletindo o céu em seu pequeno espelho... (MACHADO, 2012, p. 241).

Assim como a fonte, de onde a água brota do interior da terra para refletir e nutrir o mundo ao seu redor, também as memórias de Lena e Amália, narradas de uma para a outra (ou para elas mesmas), espelham e minam os acontecimentos de uma época e ampliam nosso acesso ao passado. Talvez seja justamente essa uma das grandes lições de *Tropical Sol da Liberdade* – a recuperação de um passado que ficou marcado na pele, mas que precisa do espaço libertador da narrativa de ficção para ser ressignificado em relação ao discurso histórico.

Como nos diz Edugyan (2022, minha tradução), “a forma como contextualizamos [a] história [...] molda enormemente nosso mundo

atual”.²⁰ Ana Maria Machado, em *Tropical Sol da Liberdade*, recontextualiza a história através das vozes de personagens que, como Lena e Amália, foram silenciadas pelo discurso histórico já que estavam à margem dos acontecimentos. Tanto Lena quanto Amália tiveram suas vidas invadidas e transformadas pelas ações de uma época, e é no recontar de suas relações íntimas com esses acontecimentos que a narrativa de Machado nos leva a refletir sobre o papel significativo do discurso literário para o acesso ao que ficou escondido nas entrelinhas da História. Nesse contexto, “a escrita sobre a escrita,” na obra de Machado, chama atenção para o fazer literário, o qual embarça as fronteiras entre o real e o imaginado para chegar a uma verdade que não é meramente factual, mas que nos abre para a experiência íntima do outro, construindo assim um real que, como sugere Seligman-Silva (2003), não se reduz.

Em *Tropical Sol da Liberdade*, rememorar o passado é um ato político, o qual tem especial importância para o tempo presente, já que este é também marcado pelo retorno a práticas antidemocráticas e de silenciamento de vozes divergentes. Tais práticas, na contemporaneidade, vêm sendo frequentemente alimentadas não somente pelas pressões sofridas pela grande mídia (de forma similar ao vivido por Lena durante o regime militar), mas também pelo uso indiscriminado da tecnologia que, conforme nos lembra Maria Ressa (2021, on-line, minha tradução) “permitiu que um vírus de mentiras infectasse a todos nós, colocando-nos uns contra os outros, trazendo à tona nossos medos, raiva e ódio, e preparando o palco para a ascensão dos autoritários e ditadores ao redor do mundo”.²¹ Neste contexto, no qual somos constantemente bombardeados pelas chamadas *fake news*, *Tropical Sol da Liberdade* mais uma vez nos lembra que a ficção ainda é um dos espaços privilegiados para o encontro íntimo com a verdade do Outro

²⁰ Minha tradução do seguinte trecho da entrevista concedida por Esi Edugyan à Nahlah Ayed, para o programa de rádio *Ideas*, transmitido pela *CBC Radio (Canadian Broadcast Corporation)* em 03 de janeiro de 2022: “*how we contextualize that history or how we come to view it enormously shapes our present world*”. Ver referência completa ao final do texto.

²¹ Minha tradução do seguinte trecho do discurso proferido por Maria Ressa durante a cerimônia de entrega do Prêmio Nobel da Paz, em Oslo, em dezembro de 2021: “*technology [...] has allowed a virus of lies to infect each of us, pitting us against each other, bringing out our fears, anger and hate, and setting the stage for the rise of authoritarians and dictators around the world*” (RESSA, 2021).

já que, como nos diz Lena, a trama criada pela/o artista é um “convite a compartilhar uma experiência, sentido oferecido em comunhão fraterna ao semelhante” (MACHADO, 2012, p. 172). Nesse ato de compartilhar, a literatura torna-se, mais uma vez, abrigo para vozes que resistem aos silenciamentos históricos.

Referências

BERND, Zilá. Apresentação. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 40, p. 11-14, 2012. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9836/8690>. Acesso em: 20 março de 2022.

BOSI, Alfredo. Caminhos entre a literatura e a história. *Estudos Avançados*, v. 19, n. 55, p. 315-334, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10113/11691>. Acesso em: 05 maio de 2022.

EDUGYAN, Esi. *The telling of stories: 2021 CBC Massey Lecturer Esi Edugyan*. Entrevista concedida à Nahlah Ayed para o programa Ideas. (CBC Radio). 03 de janeiro de 2022. Disponível em: <https://www.cbc.ca/radio/ideas/history-is-a-living-thing-says-2021-cbc-massey-lecturer-esi-edugyan-1.6302662>. Acesso em: 15 de abril de 2022.

EDUGYAN, Esi. *Out of the sun: on race and storytelling*. Toronto: House of Anansi Press, 2021. (edição kindle)

FIGUEIREDO, Eurídice. *A literatura como arquivo da ditadura brasileira*. Rio de Janeiro, 7Letras, 2017.

FREITAS, Johny Paiva. *A narrativa da memória sobre a ditadura civil-militar no Brasil em Tropical Sol da Liberdade, de Ana Maria Machado*. Orientador: Geraldo Augusto Fernandes. 114 f. 2021. Dissertação. (Mestrado em Letras: Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Ceará, 2021.

FULFORD, Robert. *The triumph of narrative: storytelling in the age of mass culture*. Toronto: Anansi Press, 1999.

PRADO, A.F.R. *Da ditadura ao exílio: identidade em Tropical Sol da Liberdade*. Orientador: João Batista Cardoso. 75 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão, 2018.

RESSA, Maria. Nobel lecture. *The Noble Prize*. The Nobel Foundation, Stockholm, 2021. Disponível em: <https://www.nobelprize.org/prizes/peace/2021/ressa/lecture/>. Acesso em: 15 abril de 2022

SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*. v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/5SBM8yKJG5TxK56Zv7FgDXS/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 12 abril de 2022.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

VARGAS, A.Q.; UMBACH, R. *Tropical Sol da Liberdade: narrativa pós-traumática, espaço de dor e esquecimento*. *Revista MOARA*. n. 37, P. 14-23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/moara/article/view/1343/1780>. Acesso em: 2 maio de 2022.

VECCHI, R.; DI EUGENIO, A. A dupla cicatriz: a ditadura brasileira e a vocalização feminina da memória traumática de Ana Maria Machado. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 60, p.1-10, 2020. DOI: 10.1590/2316-4018609. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/30811>. Acesso em: 28 abril de 2022.

MACHADO, Ana Maria. *Freedom Sun in The Tropics*. Tradução: Renata R. M. Wasserman. Dartmouth: Tagus Press, 2021.

MACHADO, Ana Maria. *Tropical Sol da Liberdade*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

WASSERMAN, Renata R. *Between worlds: a conversation with Renata Wasserman*. Entrevista concedida à Anelise R. Corseuil e Magali Sperling Beck. *Ilha do Desterro*. v. 75, n 2, p. 247-257, 2022. DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8026.2022.e88042>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/88042/51313>. Acesso: 12 agosto de 2022.

WAUGH, Patricia. *Metafiction: the theory and practice of self-conscious fiction*. London: Routledge, 2003.